

Entrevista

Talian Cordeiro, psicóloga e especialista clínica

Talian Cordeiro é psicóloga; mestra em Filosofia da Educação; possui experiência de mais de 13 anos de atuação em Psicologia Clínica com adultos e casais; e tem pesquisas e estudos com foco nas relações afetivas, amor, história da mulher e feminismo.

Quando falamos em violência contra a mulher, o senso comum ainda associa o termo à agressão física. Do ponto de vista da Psicologia, que outras formas de violência precisam ser reconhecidas?

A violência física é só o lado mais visível de um sistema muito mais amplo de dominação.

Do ponto de vista da Psicologia, é fundamental nomear como violência a humilhação reiterada, o controle emocional, o isolamento, a chantagem, o gaslighting, a desqualificação intelectual, o controle financeiro, a coerção sexual dentro de relacionamentos, a exposição da intimidade, o silenciamento e a desqualificação e objetivação dos corpos femininos em grupos de homens.

A violência nasce antes do tapa. Ela nasce quando a mulher é tratada como inferior, exagerada, incapaz ou propriedade de alguém.

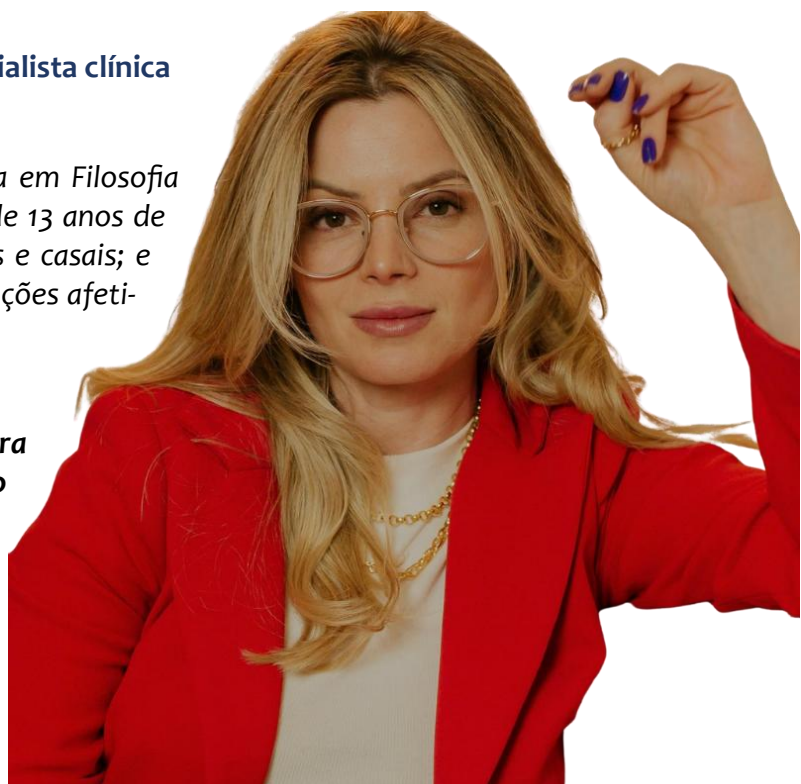
Quando a sociedade normaliza ou nomeia comportamentos masculinos como, “ciúme”, “ele só está protegendo” (e aqui já está implícito de onde vem a violência: de quem um homem protege uma mulher que não seja de outro homem?) ou “foi só uma brincadeira”, estamos diante de uma violência simbólica que prepara o terreno para formas mais explícitas de agressão.

Se não nomearmos essas camadas invisíveis, seguimos tratando apenas o sintoma e não a estrutura.

Quais fatores contribuem para essa invisibilização? Como enfrentá-las?

A invisibilização não é acidental, ela é produzida socialmente.

Vivemos em uma cultura que romantiza o controle e relativiza o sofrimento feminino. Expressões como “homem é assim mesmo”, “mulher precisa ter paciência” ou “isso é coisa da sua cabeça” funcionam como mecanismos de silenciamento e invisibilidade.



A violência psicológica se sustenta porque opera no cotidiano, de forma repetitiva e sutil. Ela desestabiliza a percepção da mulher, que passa a duvidar da própria experiência.

Além disso, muitos homens não reconhecem sua conduta como violenta porque foram socializados dentro de uma lógica de superioridade e controle.

Enfrentar isso exige educação histórica (mas de uma história contada do ponto de vista das mulheres que é o feminismo, por muitos séculos fomos impedidas de contar nossa própria história, de participar socialmente da produção do conhecimento, éramos tidas como imbecis e infantilizadas), educação de gênero, fortalecimento das próprias mulheres, responsabilização dos agressores e leis que reconheçam essas formas de violência como graves. Sem nome, não há enfrentamento.

Quais são os efeitos psicológicos desse tipo de violência contínua e silenciosa?

A violência psicológica produz danos profundos e cumulativos.

Ela pode gerar ansiedade crônica, depressão, sensação constante de inadequação, perda de autoestima, medo, isolamento e dependência emocional, tudo isso altera a relação da mulher com a própria realidade. Muitas passam a duvidar da própria memória, da intuição (um tipo de saber tão próprio do humano e associado ao feminino e logo, desconsiderado dentro de uma sociedade logocêntrica, ou seja, que tem a razão como centro, superior e associada ao masculino), da sua capacidade de decisão.

Esse tipo de violência corrói a subjetividade e uma forma de dominação que atua na identidade, não apenas no comportamento.

Quando contínua, pode gerar traumas complexos e comprometer seriamente a autonomia da mulher.

Como a misoginia estrutural contribui para a reprodução da violência psicológica, inclusive entre mulheres?

A misoginia estrutural é a base que sustenta essas práticas.

Vivemos em uma organização social que historicamente desvalorizou o feminino, associando mulheres ao mal (desde Eva no paraíso), à emoção descontrolada, à fragilidade ou à manipulação. Isso legitima a ideia de que a palavra da mulher pode ser questionada, diminuída ou desacreditada.

A violência psicológica nasce nesse terreno: quando o sofrimento feminino é tratado como exagero, quando a mulher é chamada de “louca”, “dramática” ou “histerica” para ser deslegitimada.

Entre mulheres, essa misoginia pode ser internalizada e reproduzida na forma de rivalização (afinal, na história só teríamos um lugar social se fosse ao lado de um homem e sem nenhum poder de escolha, tínhamos que ser escolhidas por ele) exclusão e desqualificação. Não se trata de culpabilizar mulheres, mas de reconhecer que um sistema que hierarquiza o feminino também atravessa as relações entre elas.

Enquanto a misoginia estrutural não for enfrentada, a violência continuará sendo naturalizada.

A violência psicológica entre mulheres ainda é pouco debatida. Como a Psicologia compreende esse problema e quais os danos?

A violência psicológica entre mulheres deve ser compreendida como reprodução de padrões culturais de competição e desvalorização do feminino. Uma psicologia ética não pode pensar questões sociais de uma forma individualizada ou fora de contexto – homens e mulheres são parte da mesma estrutura que abusa, desqualifica, inferioriza, silencia, etc., mulheres.

Em ambientes escolares, profissionais ou sociais, essa violência pode aparecer como humilhação, isolamento, difamação, ataques à reputação ou sabotagem.

Os danos são reais: sofrimento psíquico, insegurança, ansiedade, retraimento social e fragilização da autoestima.

Mas é importante enfatizar novamente o fenômeno no contexto maior da desigualdade de gênero. A rivalização feminina não nasce do nada, ela é incentivada por uma estrutura que coloca mulheres em disputa por reconhecimento e validação.

Combater essa violência também passa por fortalecer vínculos solidários e consciência crítica sobre como essas dinâmicas são produzidas socialmente.

Enquanto a violência for “reconhecida” apenas quando sangra, vamos continuar ignorando as formas de dominação que silenciam, desqualificam e adoecem mulheres todos os dias. Nomear essas violências invisíveis é um ato de justiça.